



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

WASHINGTON GUTIERREZ

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-113

Entrevistado: Washington Gutierrez

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Leon Kaminski

Data da entrevista: 04/06/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: (01 fita) 113/01-A e 113/01-B

Total de gravação: 35 minutos

Páginas Digitadas: 14

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01947/2008/01

Nº da fita: 01947/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

GUTIERREZ, Washington. *Washington Gutierrez (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Interesse pela Educação Física; entrada para a Escola; início como professor da Escola; participação no diretório acadêmico; período como aluno e como professor: mudanças na infra-estrutura da ESEF, perfil dos alunos, relação com professores, perfil dos professores, métodos de ensino, cotidiano da Escola; movimento junto ao Diretório Acadêmico para saída do professor; participação no movimento estudantil, UNE; envolvimento com a pesquisa; atuação dos estagiários; reformas curriculares; incentivo a formação acadêmica; fatos marcantes e relevantes na ESEF.

Porto Alegre, 04 de junho de 2005. Entrevista com Washington Gutierrez, a cargo do entrevistador Leon Kaminski, para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.K. – Bom professor, como iniciou teu envolvimento com a ESEF¹ e o que te levou a entrar no curso de Educação Física?

W.G. – Eu fui educado nos colégios Metodistas, naquela época, liderados pelos Missionários Norte Americanos e eles trouxeram aquela experiência do esporte dos ingleses e dos norte-americanos para o Brasil. Então havia muito interesse pela educação física e nós éramos internos, de manhã aula e, de vez em quando, à tarde também. O resto da tarde era esporte todos os dias, eles insistindo que a gente colocasse um calção e fosse para a pista, para o campo, para o ginásio. Então tive grande atração pela educação física. Participei das olimpíadas dos colégios metodistas que foram pioneiras no Rio Grande do Sul e no Brasil. Sempre tive esta intenção. Fiz o curso técnico de contabilidade, contador naquela época, lá no Instituto Educacional de Passo Fundo² e vim para trabalhar como contador no IPA³. Eu fiz ali o curso de Geografia e História e, quando surgiu uma brecha depois de terminar o curso, eu entrei na educação física. Aliás, eu fiz duas tentativas, na primeira eles não me dispensaram da contabilidade, já estava começando primeiro dia de aula, no outro dia, não pude mais. Era lá no campo do Cruzeiro⁴ a ESEF da UFRGS [palavra inaudível]. Mas depois consegui fazer o curso e gostei muito e me dediquei à educação física.

L.K. – E depois entraste. Quando tu começou a ministrar aulas na Escola?

W.G. – Bom, eu entrei na Escola como aluno, como acadêmico em 1957 e me formei em 1959. Depois eu era professor do Estado. Então o Coronel João Francisco Sofia, que era o titular de História e Organização da Educação Física... O Estado me colocou a disposição lá por sessenta e poucos. E, em seguida, veio o processo de federalização, nós fomos encampados pela universidade.

¹ Escola de Educação Física - UFRGS

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

³ Rede Metodista de Educação do Sul

L.K. – E quais disciplinas o senhor ministrou na Escola?

W.G. – Na Escola, eu ministrei como base, História e Organização, Legislação da Educação Física, mas também, em uma época, eu auxiliei o professor Camargo⁵ nas turmas iniciais de basquete, também vôlei, professor Cleomar⁶ aliás. E depois acho que o [trecho inaudível] sei que também fui assistente na disciplina de voleibol e, na prática desportiva universitária, ministrava atletismo.

L.K. – Chegou a ganhar algum cargo na ESEF, chefe de departamento, algo do gênero?

W.G. – Não, do departamento, não.

L.K. – Até quando que tu trabalhaste na escola?

W.G. – Na ESEF, eu acho que até mil novecentos... De cabeça assim não me lembro.

L.K. – Mais ou menos em que época?

W.G. – Ela já era federalizada.

L.K. – E quando?

W.G. - Eu me lembro, para dar uma referência, que, quando eu fui aposentado, o Reitor da UFRGS era o professor de química. Como era o nome dele? Agora não estou me lembrando.

L.K. – Enquanto isso, tu foi um dos professores e fundadores da escolinha de educação física do IPA.

W.G. - Sim, sim.

⁴ Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

⁵ Francisco Camargo Netto

⁶ Cleomar Antonio Pereira Lima

L.K. – E continuou ministrando aulas em ambas as escolas. Bom, como aluno tu participaste do Diretório Acadêmico?

W.G. - Sim, participei.

L.K. – Tu foste presidente do conselho fiscal do Diretório Acadêmico?

W.G. - Eu não me lembro [risos], é que a memória... Eu fui colocado à disposição da Escola de Educação Física da ESEF da UFRGS a partir de 01/06/1966. Então eu estive na Escola de 1966 até mil novecentos e oitenta e pouco, que eu me lembro.

L.K. – Como era a estrutura da ESEF quando tu foste aluno?

W.G. – Bom, eu comecei na ESEF, na segunda vez, quando eu consegui fazer o curso em 1957 a 1959 lá na ACM⁷, a ACM era a sede digamos, do curso. Nós íamos para SOGIPA⁸, para o Terceiro Batalhão de Caçadores - uma corporação da Brigada - Grêmio Náutico União⁹. Enfim, a ESEF não tinha uma sede própria na época. Então a gente perambulava pela cidade [riso].

L.K. – Depois quando tu entraste como professor já...

W.G. – Já. Já era no Jardim Botânico¹⁰.

L.K. – Jardim Botânico. E nessa estrutura, o que mudou lá no Jardim Botânico no momento que tu entraste até o momento que tu saiu?

W.G. – Bom, mudou porque a sede era maravilhosa como é ate hoje, cada vez melhor. Antes era bastante precária em questão de sala, instalações na ACM. Era um pouco

⁷ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁸ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁹ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

¹⁰ Bairro de Porto Alegre.

apertado para nós e aquela mudança foi muito boa, muito benéfica, não somente para ESEF, mas para educação física do Rio Grande do Sul e podíamos sediar grandes eventos. Foi uma coisa muito boa. Abriam-se as portas para o progresso, digamos assim. E claro, [palavra inaudível] as outras Escolas que já existiam no Brasil, que também tinham boas condições em outros estados. Então a federalização foi uma coisa muito boa.

L.K. – Se lembra como se deu esse processo de federalização?

W.G. – Foi muito batalhado. Muita gente batalhou, se interessou, se esforçou e finalmente se conseguiu essa federalização. [palavra inaudível] que não tinha verba planejada nem disponível, mas na hora que veio, veio bem. E está vindo. O campus agora está aprovado, digamos assim, com boas instalações. O CEME¹¹ é um, o LAPEX¹² é outro que veio mais tarde, piscinas [riso].

L.K. – Qual era o perfil socioeconômico cultural dos alunos da Escola quando tu foste aluno?

W.G. – Do ponto de vista social naquela época, ainda os rapazes pouco procuravam a Escola, mas a Escola já era famosa pelas moças bonitas. Toda moça bonita queria ser acadêmica de educação física, a escola já sobressaia na sociedade por este aspecto, pela beleza das nossas meninas. E realmente elas tinham essa vontade de cultivar o corpo próprio que era o lema da Escola, “cultivemos o corpo, a mente”. A beleza num todo. E esse era o aspecto. Eu me lembro que o professor Mendes Ribeiro¹³, quando os outros acadêmicos nos jogos da UFRGS ou então nos jogos universitários, ridicularizavam a ESEF, porque a ESEF tomava uma goleada nos jogos masculinos... Mas claro, nós éramos sete, oito. No meu tempo já melhorou, mas eles eram sete, oito, onze acadêmicos em toda Escola, eles tinham que fazer tudo, então apanhavam grandes rivais e grandes equipes nos jogos de inverno da UFRGS naquela época. Depois passou a ser entre universidades, entre unidades. Então a ESEF perdia muito e eles meio que ridicularizavam e o Mendes Ribeiro tinha que ir aos jornais explicar que nós éramos meia dúzia, então não conseguíamos

¹¹ Centro de Memória do Esporte.

¹² Laboratório de Pesquisa do Exercício.

¹³ Antonio Carlos Beck Mendes Ribeiro.

enfrentar aquelas grandes potências e atletas [palavra inaudível] não destas faculdades, mas dos clubes, a nata dos clubes estava lá, engenharia, direito, medicinal, economia. Eles tinham grandes times e sempre ganhavam. Mas a ESEF, aos pouquinhos, começou a ganhar. Eu me lembro que fui campeão universitário pela ESEF e vice-campeão no outro ano, porque nós, se não me engano, não nos avisaram. A [palavra inaudível] não nos avisou e nós não comparecemos no jogo lá, perdemos por W.O.

L.K. – Jogos universitários de basquete?

W.G. – De basquete.

L.K. – Essa proporção depois quando tu já eras professor mudou?

W.G. – Já mudou. Porque o futebol profissional começou a dar dinheiro, o vôlei, o basquete também, como técnico. Então muita gente começou a se interessar e a procurar, muita gente do sexo masculino. Acho que estamos bem servidos, temos grandes treinadores, grandes professores também masculinos.

L.K. – Em termos econômicos, qual era o perfil dos alunos?

W.G. – Econômicos era classe média. As meninas sim, eram pouquinhos melhores [palavra inaudível].

L.K. – Como eram as relações pedagógicas entre professores e alunos quando tu foi aluno?

W.G. - Eram boas. Nós tínhamos grande admiração pelos professores, eram verdadeiros deuses para nós, porque, naquela época, eram poucos professores. Aqui os nossos professores realmente eram endeusados e nós os endeusávamos, porque eles eram o máximo que havia na educação física no Rio Grande do Sul, porque realmente eram poucos. Hoje a gente não endeusa tanto os professores, porque o numero é muito grande. Ninguém é o dono da verdade, mas, naquela época, era. O que o professor tal dizia, ele era o [palavra inaudível], o manda-chuva no Rio Grande do Sul. Praticamente a gente não contestava.

L.K. – E qual era o perfil destes professores?

W.G. – Em geral, eram militares ou médicos.

L.K. – E depois quando tu eras professor mudou?

W.G. – Mudou um pouco, entrou mais professores da linha pedagógica, da linha da didática.

L.K. – Civis?

W.G. – Civis em geral. E aqueles próprios professores foram, digamos, seguindo nova orientação pedagógica que vinha com aquele pessoal que saía das faculdades de Filosofia, Educação.

L.K. – E como tu vias esse ensino quando tu eras aluno? Uma análise tua, ele era ultrapassado?

W.G. – Naquela época ele era o atual, mas, durante o meu período lá na ESEF, isso foi mudando. Não era só competição, só físico, o próprio ensino da ESEF [palavra inaudível] a educação física não é só a beleza do físico, é tudo. É o ser completo, uma concepção muito mais ampla, pedagogicamente falando. Mas, naquela época, era muito arraigada ao físico, ao biológico.

L.K. – Bom, tinha, as turmas eram divididas por sexo?

W.G. – Nas práticas sim, nas teóricas não.

L.K. – E isso influenciava as aulas, nas disciplinas? Criava uma separação maior homem, mulher?

W.G. – É, a gente, mais ou menos, aceitava que a mulher poderia nos atrapalhar [riso], não usaríamos todo potencial com elas na aula prática. Essa era, mais ou menos, a mentalidade da época. E felizmente mudou.

L.K. – E como que era o cotidiano da Escola?

W.G. – Olha, em matéria de horário, normalmente a aula começava as 07:30 e havia professores, a maioria era militar. As 07:15, 07:20 eles já estavam firme na aula, davam um exemplo muito bom. Para nós era difícil de seguir esse exemplo, embora a gente reconhecesse que fosse bom. As aulas começavam cedo, as 07:30 e iam até meio-dia por aí. De manhã, havia o recreio, a gente confraternizava no barzinho tradicional ou [palavra inaudível]. Os professores eram cientes da sua responsabilidade, não faltavam, gostavam de dar aula, sabiam que eram apreciados. A responsabilidade era muito grande, o senso de responsabilidade daqueles professores. E a gente gostava.

L.K. – O que te levou a participar do Diretório Acadêmico?

W.G. – Eu fui escoteiro e escoteiro está sempre envolvido com a comunidade e gosta de trabalhar com a comunidade, gosta de se sentir da comunidade. Faz parte da educação que a gente recebe como escoteiro e também eu sou Metodista, minha igreja se volta muito para os pobres, oprimidos, essas coisas. Então a gente sempre teve, desde jovem, a gente ia nas vilas trabalhar. Tudo isso me levou a participar, é claro, sabendo que eu era apaixonado pela educação física, sabendo que a Escola precisava melhorar. A gente tinha que dar uma colaboração, não somente no diretório, na Associação dos Especializados em Educação Física, que é hoje a APEF¹⁴. [palavra inaudível] fiz parte da diretoria, fundamos na formatura, no dia da formatura a Associação dos ex-alunos da ESEF da UFRGS, participamos do Grêmio dos Professores depois, GPESEF. Enfim, a gente tinha essa credibilidade porque aquilo veio de nascença e o meu pai também era um homem extremamente da comunidade e isso me marcou muito.

¹⁴ Associação de Professores de Educação Física.

L.K. – Tu lembra de como era a atuação do Diretório Acadêmico antes de tu entrar, o que eles faziam?

W.G. – Olha, o Diretório tinha uma atuação um pouco fraca, porque o curso de educação física era de dois anos. A turma que eu entrei, 1967 eu disse, não me lembro.

L.K. – 1957.

W.G. – 1957. A essa altura, eu tenho quase 78 anos, então dez a mais, dez a menos não é muito para mim, então eu misturo tudo. Foi o primeiro ano que a ESEF passou para o curso de três anos e, outro detalhe, antes bastava ter um ginásio [palavra inaudível], mais para frente isso era o ginásio e, quando nós entramos em 1957, aliás, uma turma magnífica, muito estudioso, atletas renomados, a nata da SOGIPA e do União fazia parte da minha turma. Quando nós entramos, naquele ano passou a ser exigido, hoje é o ensino médio, naquela época era o científico, que era o curso de três anos após, a seguir ao ginásio. Então já tivemos uma formação melhor, o elemento que entrou na ESEF já teve uma formação melhor, essa base escolar ampliada e um curso acadêmico também ampliado para três anos. Deu pra diferenciar um pouco do camarada que entrava em um ano e no outro já estava saindo, não tinha muita possibilidade de vivenciar, de participar da vida da Escola, já com três anos, essa participação, essa presença dos acadêmicos, naturalmente.

L.K. - Fale sobre essa mudança de dois para três anos, foi somente na Escola ou foi nacional?

W.G. – Não sei, mas fazia parte do movimento, a gente sabe [palavra inaudível].

L.K. – Quando tu estavas no D.A.¹⁵, teve um movimento em torno da demissão do diretor da Escola, o professor Frederico Gaelzer¹⁶...

W.G. – É, o professor Frederico Guilherme Gaelzer, famoso professor, grande elemento da recreação pública de Porto Alegre¹⁷, tinha uma obra muito bonita. Mas ele era meio

¹⁵ Diretório Acadêmico

interesseiro para o nosso gosto e tomava umas medidas sem consultar a classe. Então nós fizemos um movimento e eu vou te passar em mãos agora um exemplar do Olímpico, o jornalzinho do diretório, naquele tempo Centro Acadêmico, que eu era o relator. Está aqui o exemplar de o Olímpico. Eu conto essa história. A gente sempre foi muito amigo do professor Gaelzer, independente, eu dizia pra ele: "Nós admiramos muito a sua atuação, mas tem certas coisas que o senhor não nos atende e nós achamos que merecemos ser atendidos".

L.K. – Tu se recordas como foi à repercussão fora da Escola desse movimento?

W.G. – Houve repercussão sim, porque ele era um homem famoso. Enfrentar o professor Gaelzer não era fácil [riso].

L.K. – E teve apoio da União Estadual, da UNE¹⁸?

W.G. – Eu não sei. Acho que nós não levamos à ambientes externos, não fui muito ligado.

L.K. – E como foi o desfecho deste movimento?

W.G. – Por que o CTA, centro dos técnicos administrativos, entrou e disse: "Vocês têm algumas razões [palavra inaudível]", mas interessante é que, passado a luta, parece que o pessoal... Nossa missão está cumprida. O pessoal não se interessou em ir atrás para conseguir aquelas conquistas que estavam sendo vislumbradas pelo próprio CTA. Então eu não sei o que se conseguiu a final. Em seguida o professor Gaelzer se aposentou também.

L.K. – Bom, em relação propriamente ao diretório, ele foi demitido?

W.G. – Eu acho que não. Acho que ele sentiu a pressão, acredito eu. Não me lembro agora. Faz um tempo, mas ele sentiu a pressão, então o CTA entrando [palavra inaudível].

¹⁶ Frederico Guilherme Gaelzer

¹⁷ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁸ União Nacional dos Estudantes, fundada em 1937.

L.K. – E os professores apoiaram, alunos todos apoiaram esse movimento?

W.G. – É, os professores ficavam quietos, ficavam na deles [riso], mas os alunos apoiavam.

L.K. – Em grande parte?

W.G. – Isso.

L.K. – Bom chegaste a participar do Congresso de Estudantes de Educação Física que teve, que foi organizado pelo diretório em 1959?

W.G. – Sim participei. Foi o segundo, foi muito bonito. Detalhes técnicos não me pergunta porque eu não me lembro, mas eu sei que foi uma bonita... Veio gente de todo o Brasil, foi um encontro de mais de uma semana, as plenárias sempre lotadas.

L.K. – Quantas pessoas mais ou menos participaram?

W.G. – Eu acho que umas 400.

L.K. – E foi aonde?

W.G. – Foi aqui em Porto Alegre, em vários locais. Se hospedavam em quartéis, na própria ESEF.

L.K. – Tens conhecimento, chegou a ter conhecimento, nesse período, na organização desse congresso da União Nacional de Estudantes de Educação Física?

W.G. – Naquele congresso eu não sei, mas da União eu acho que não, a União era a UNE.

L.K. – Sabe se o terceiro congresso... Sabe onde que aconteceu?

W.G. – Não.

L.K. – Uma das coisas que vocês reivindicavam era a participação dos alunos no conselho dos técnicos administrativos, representação discente?

W.G. – Eu também não sei dizer o que aconteceu ou não, mas sei que o CTA estava apavorado, mas agora, se o pessoal marcou presença para conseguir, eu não sei.

L.K. – Chegaste a participar da pesquisa, como era a pesquisa dentro da Escola quando tu eras...

W.G. – Isso era muito ruim, não somente a pesquisa, mas o próprio trabalho prático, em geral os professores não apoiavam. Eles eram muito ciosos de que o aluno tinha primeiro a aprender, a tirar o máximo deles para depois praticar. Isso era uma coisa difícil. Hoje em dia, não. O aluno, no meio do curso ou alguma coisa assim, já começa a estagiar. Eu acho isso sensacional, porque a experiência que ele traz para o professor... E, naquela época, os professores não apoiavam o estágio e havia uma briga entre os professores. Alguns mais abertos nesse aspecto, não queriam saber de estágio. Tinha que ser aulinha e isso. Outro momento, hoje em dia, qualquer faculdade, estágio é básico, inclusive há o outro lado também. As empresas, as escolas estão abertas ao estagiário, apreciam o estagiário. O próprio professor parecia ter uma ciúmeira do estagiário. Hoje não. Nessa época eu fiz o curso, foi o final daquela época, aquele período que não se admitia, digamos assim, o estágio antes da formatura, prática da formatura. Então, por exemplo, tu estavas com um adiantamento, então os alunos da própria turma eram teus cobaias. Tu levava meio que na brincadeira e aí um dos colegas tinha que engrossar, “escuta aqui meu, está me dando uma nota, ou é tu ou eu. Tu não me apronta de tirar da aula”. Claro, havia uma briga, porque os alunos... Mas eram colegas, ficava uma coisa fora da realidade, ao passo que tu vai em uma escola... Bom, virou professor. Não querem saber se tu é acadêmico, se é estagiário, tu é o professor. Tu tens mais responsabilidade, tu te sentes melhor, te sentes mais autorizado, com mais autoridade e os alunos...

L.K. – E, quando passou a ser professor lá, tu viu uma mudança nessa visão?

W.G. – Sim, claro, é a amplitude que está hoje, porque isso é uma coisa natural, é uma evolução natural, tem que estar atento, estar sempre apertando o parafuso para que a coisa esteja sempre firme. Então está bem melhorado.

L.K. – Trabalhaste com pesquisa enquanto professor?

W.G. – Algum trabalho sim, no curso de especialização, mas eu senti, por exemplo, que os alunos ainda estavam muito viciados na aula expositiva. Eu dizia: “me tragam tal dado na próxima reunião”. Eles não traziam pesquisa, tal dado econômico no Brasil na década de tal, sabe. E também tem um problema que eu também tive, é que, em geral, os alunos trabalhavam naquela época e a gente sabe que a universidade, não somente a universidade, o ensino médio também, ele tem que se dedicar, à profissão dele é estudar, ele tem que estudar não é somente assistir a aula.

[FINAL DA FITA 113/01-A]

W.G. – Eu estava dizendo que uma coisa que prejudicava os alunos naquela época, talvez hoje também, é que o aluno não pode ter dedicação exclusiva para o estudo [palavra inaudível]. Então essa pesquisa não conseguia muito dos alunos.

L.K. – Existia extensão na Escola?

W.G. – Alguma coisa existia, mas não tão organizado como hoje, isso não existia.

L.K. – Chegou a passar por reformas curriculares?

W.G. – Sim, houve estatuto, currículo, isso tudo teve que ser aperfeiçoado.

L.K. – Poderia dizer alguma mudança importante que teve?

W.G. – Sim, disciplinas que eram obrigatórias passaram a optativas, outras eram excluídas, outras eram retiradas. Assim especificamente não sei dizer, mas havia... O número de... A ênfase, o número de aulas aumentava ou diminuía.

L.K. – Chegou, digamos, tu não teve algum outro processo de transição dentro da Escola que quisesse modificar a Escola?

W.G. – Teve uma coisa muito boa. Assim como a Escola aumentou a exigência para os acadêmicos, também aumentou para os professores, a própria universidade, uma invenção para a própria universidade. Então os professores, os mais jovens começaram a se interessar pela especialização, pelo mestrado, pelo doutorado e hoje eu vejo com muita alegria que nós temos uma [palavra inaudível] de excelentes doutores, inclusive com curso no exterior. Esse incentivo foi muito bom. A gente passou naquela época e ver essa gurizada aí é muito bacana.

L.K. – Depois como professor, participaste do Grêmio dos professores da Escola? Poderia nos falar um pouco sobre isso?

W.G. – Sim, o grêmio tinha um caráter mais... Inclusive eu tenho o estatuto nos meus arquivos. O grêmio tinha um caráter mais recreativo, cultural e não reivindicatório, porque esse era o papel mais do CTA. Era muito bom, mas não houve muito apoio dos professores e acredito que esteja desativado hoje, mas tomara que não.

L.K. – Para encerrar, te lembras de algum fato pitoresco que aconteceu na Escola, algum fato que tu possa relatar, é claro.

W.G. – São muitos [risos]. Mas uma característica da Escola é que nós éramos uma irmandade, uma fraternidade. A festa dos bixos - hoje a gente vê certas coisas, cenas deprimentes, até morte - a gente era recebido com maior carinho e com churrasco, com danças, com desfiles e com fantasias. Aquilo fazia parte da educação física, já era uma amostra do que era uma Escola de Educação Física. Então nós, os calouros, entramos porque gostávamos da educação física. Tendo aquela recepção, ficávamos encantados. Esse foi um dos fatos mais marcantes que nós tivemos com a convivência. Outro fato, não pitoresco, mas relevante, foi esse progresso pedagógico e material e técnico, enfim, da educação física, como da Escola que, particularmente, foi pioneira no Rio Grande do Sul.

L.K. – Mais alguma coisa que tu acha importante de relatar para nós?

W.G. – Olha, eu fico contente que, apesar dos anos transcorridos, alguns daqueles jovens professores estão lá trabalhando. Estive lá esses dias, a convite e pude constatar que vários nomes ainda [palavra inaudível], da educação física do Rio Grande do Sul, trabalhando lá na ESEF.

L.K. – Muito obrigado professor.

[FINAL DO DEPOIMENTO]